



# Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 2

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

# Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;  
v.2)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-070-4  
DOI 10.22533/at.ed.704192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.  
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

*Angela Maria Gomes*

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DESEMPENHO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM UM TESTE ESCRITO	
Ariane Moreira Tavares Eduardo Batista da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
(DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O ENTRE-LUGAR EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO	
Josiane Lopes da Silva Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL	
Kátia Cristina Pelegrino Sellin Ricardo Magalhães Bulhões	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM	
Manuel Álvaro Soares dos Santos Erika Maria Santos de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
ENEIDA MARIA DE SOUZA: A CRÍTICA QUE É A MIM TÃO CULT	
Camila Torres Edgar César Nolasco dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Iris Cynthia de Souza Ferreira Antonio Henrique Coutelo de Moraes Madson Góis Diniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA	
Denise Moreira Santana Nathália Coelho da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925017</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Diana Gonzaga Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925018</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
ESPAÇO E OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
<i>ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS: ESTRUTURANDO UMA DISCIPLINA DE ESPAÑOL DE LOS NEGOCIOS</i>	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
Silvia Renata Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>115</b>
EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI	
Sandra dos Santos Vitoriano Barros	
Helciclever Barros da Silva Vitoriano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA POSSÍVEL	
Josefa Maria dos Santos	
Benedito Gomes Bezerra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>145</b>
IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO USO DA INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	
Ronaldo Miguel da Hora	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>159</b>
LEITURAS ROSIANAS: COMICIDADE, CULTURA E LITERATURA	
João Paulo Santos Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
LITERATURA E AS MÍDIAS VISUAIS: UMA RELAÇÃO	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
LITERATURA E TANATOLOGIA EM QUESTÃO: QUANDO A MORTE FALA DA VIDA	
Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>190</b>
MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO	
Saul Cabral Gomes Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250117</b>	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>200</b>
MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL	
<a href="#">Aline Santos Pereira Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>211</b>
NARRADOR E FOCALIZAÇÃO NO ROMANCE <i>ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS</i> , DE NOEMI JAFFE	
<a href="#">Josilene Moreira Silveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>221</b>
NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE	
<a href="#">Aline Wieczikovski Rocha</a>	
<a href="#">Catiúcia Carniel Gomes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>231</b>
NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE	
<a href="#">Luziane Patricio Siqueira Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>242</b>
“NAVEGANDO À TERRAS DISTANTES”: TEATRO CONTEMPORÂNEO PARA CRIANÇAS	
<a href="#">Diego de Medeiros Pereira</a>	
<a href="#">Simoni Conceição Rodrigues Claudino</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>255</b>
O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA	
<a href="#">Ana Claudia Duarte Mendes</a>	
<a href="#">Dejair Dionísio</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250123</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>270</b>

## NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE

**Aline Wieczikowski Rocha**  
(UPF)

**Catiúcia Carniel Gomes**  
(UPF)

**RESUMO:** Este trabalho desenvolve um estudo baseado nos fundamentos teóricos de Émile Benveniste, a partir de seus *Problemas de linguística geral I e II*, acerca do homem, da linguagem e da cultura com o objetivo de analisar as formas de presença do homem na língua. Conforme a perspectiva benvenistiana, a língua e a sociedade são noções imensas e complexas a serem exploradas. Em razão disso, estabelece-se como *corpus* de análise o discurso da obra cinematográfica *Narradores de Javé* (2003), para, desse discurso, depreender a *língua como sistema interpretante da sociedade*. Assim, estabelecem-se como procedimentos analíticos aqueles derivados do caráter de interpretância da língua: a) a análise da faculdade semântica da língua; b) a referência – testemunho e condição do emprego das formas; c) a relação *eu/tu a ele* – cada um se determina como sujeito em relação ao outro. Com tal delimitação, poder-se-á verificar as descrições *deste composto de natureza e de experiência chamado sociedade*. A análise apresenta língua e sociedade como noções implicadas entre si, visto que é por intermédio da língua que se

pode ver um homem falando com outro homem no mundo. Por fim, compreende-se no uso da língua toda a organização social da pequena Javé e seus habitantes, pois sempre que o discurso é atualizado por seus narradores a língua apresenta-se como *interpretante da sociedade*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua. Sociedade. Interpretante.

**ABSTRACT:** This research develops a study based on the theoretical foundations of Émile Benveniste, from his *Problems of general linguistics I and II*, about the man, the language and the culture with the objective to analyse the forms of presence of the man in the language. According to the perspective of Benveniste, the language and society are immense and complex notions to be explored. On account of this, it is established as corpus of assessment the discourse of cinematographic work *Narrators of Javé* (2003), for this discourse to gather *the language as system interpretant of the society*. Thus, are established like analytical proceedings those derivatives of the character of interpretance of the language: a) the analysis of the semantic faculty of the language; b) the reference – testimony and condition of the use of the forms; c) the relation *I/you to he* – each one is determined like subject in relation to the other. In this delimitation, it will be possible to



check the descriptions of *this compound of nature and of experience called society*. The analysis presents language and society as notions implicated each other, since that is through the language as you can see a man talking with another man in the world. Finally, is understood in the use of the language all the social organization of the little Javé and its inhabitants, because whenever the discourse is updated by its narrators the language is presented as *interpretant of the society*.

**KEYWORDS:** Language. Society. Interpretant.

## PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Neste estudo queremos descrever, do ponto de vista das concepções teóricas enunciativas do linguista Émile Benveniste, o modo como, pela língua, os sujeitos se representam em sociedade e como interpretam essa mesma sociedade. Partimos, assim, do pressuposto de que as situações de uso da língua produzem formas específicas que possibilitam a cada indivíduo incluir-se em sua sociedade.

Nessa perspectiva, escolhemos o filme **Narradores de Javé**, dirigido por Eliane Café, para compor o *corpus* do estudo da língua na condição de interpretante da sociedade, mobilizando os pressupostos teóricos do linguista Émile Benveniste.

Organizamos a estrutura do trabalho da seguinte forma. Do problema da significância da língua, abordamos, inicialmente, o conflito sobre a compreensão do termo científico, uma vez que disso depende o desempenho da tarefa imposta aos sujeitos do texto. Posteriormente, construímos os apontamentos acerca da interpretância da língua, para, dessa maneira, estabelecer os fatos da língua que organizam a sociedade de Javé. Por fim, empreendemos a análise linguística dos narradores de Javé, na tentativa de materializar a descrição da sentença benvenistiana “a língua é o interpretante da sociedade”.

## 1 | UMA COISA É FATO ACONTECIDO, OUTRA É FATO ESCRITO: A ARTE DO FAZER CIENTÍFICO

Para iniciar este momento do trabalho, valer-nos-emos do estudo de Émile Benveniste acerca da *Gênese do termo “cientifique”* (PLG IIa, 2006). Interessa-nos resgatar desse texto o exame das noções dos termos **ciência** e **científico**. Acreditamos, pois, encontrar amparo teórico linguístico para resolver a questão lançada no momento introdutório da obra **Narradores de Javé**, especialmente, quando a personagem Aristeu interroga: “Que coisa é científico?”. A **coisa** dita **científica** introduz um dos conflitos dos moradores do Vale de Javé, a saber, compreender a significância de **científico**, o que isso quer dizer para as autoridades que avaliarão o pedido de cancelamento da destruição do povoado.

Reside no valor do termo outra questão. Zaqueu é quem realiza a interlocução

com as autoridades, por isso tem a incumbência de articular possíveis soluções para evitar o alagamento de Javé. É dele a tarefa de reportar à comunidade o caráter de cientificidade exigido no trato do problema. Assim, Zaqueu propõe transpor ao papel as histórias das pessoas, no entanto elas devem ser científicas. Assegurando a compreensão do que representa fazer algo científico, os moradores acreditam manter a existência de Javé.

Dessa forma, recorremos ao texto benvenistiano para respaldar a resposta à indagação acima mencionada. Para abordar o adjetivo **científico**, Benveniste chama a atenção para a usualidade do termo e o quase esquecimento em pensar seu surgimento. Em sua reflexão, inclinada à criação de um problema de base linguística, adverte-nos: “Ele parece dado com a própria noção de *ciência*, da qual, instintivamente, dir-se-ia que é contemporâneo e imediatamente derivado” (PLG IIa, p. 253. Grifo do autor). Há, contudo, uma aparência enganosa nisso, desse modo o linguista propõe analisar o termo base e o conceito que introduz.

Nessa perspectiva, observa que **ciência** e **científico** não estabelecem uma relação de derivação formal suficientemente clara e usual. Assim, o autor salienta que os adjetivos que compõem a esfera científica costumam terminar em [-ico] ou em [-al]. Basta notar os termos **esférico**, **atômico**, **espacial**. Seria, portanto, natural formar um adjetivo como “ciêntico” ou “ciencial”. No entanto, o que atenta Benveniste é que o adjetivo de derivação [-fico], advindo de um substantivo abstrato, não encontra outro representante em língua portuguesa (o exemplo ao qual recorre o teórico é de língua francesa), “senão, precisamente *scientifique* [científico], e *scientifique* encontra-se numa situação singular em vista da formação de que provém” (PLG IIa, 2006, p. 253-254. Grifos do autor). Sobre isso Benveniste acrescentará que “os derivados em -fique [-fico] não são jamais simples adjetivos de relação, como é *scientifique* [*científico*] com relação a *science* [*ciência*]” (PLG IIa, 2006, p. 254. Grifos do autor). Se considerarmos a função factitiva do elemento [-fico], **científico** terá valor do **que faz** ciência.

Para argumentar essa evidência, Benveniste vale-se da reflexão de Lalante, proposta na obra *Vocabulaire de philosophie, S.V. Scientifique*, determinando o termo **científico**: “Propriamente, que serve para construir a ciência. De ordinário e mais largamente: que concerne à ciência ou que pertence à ciência” (PLG IIa, p. 254). Todavia, o linguista sírio destaca ainda a ausência de explicação das razões que particularizam o termo ciência, haja vista ter recebido como adjetivo a derivação [-fico], cuja significação será **que faz ciência**, e não a composição usual de um adjetivo de relação.

Antes de interpor a sua definição teórica, Benveniste recupera a apresentação do dicionário *Littré* em referência à etimologia de *scientifique*. Segundo o teórico, o dicionário pressentiu o problema. Note-se: “Esta palavra, que parece ter sido criada no século XIV, significa: que faz ciência[...]. Mas com o sentido que lhe damos, seria melhor com o final *al* ou *aire*: *sciential* ou *scientiaire*” (PLG IIa, 2006, p. 254). Diante disso, Benveniste interpela essa escolha singular da língua ao abdicar de uma

formulação derivacional normal tal qual é indicada pelo *Littré*. Dessa maneira, dirá o linguista, “Estamos diante de um **caso particular, que parece escapar da norma e do qual nenhuma razão geral é capaz de dar conta**” (PLG IIa, 2006, p. 254. Grifos nossos). A análise dos fatos da língua convoca sua particularidade, interessa a Benveniste, por intermédio do exame de produção desse adjetivo, ver esse lugar do escape e descrever algum princípio de razão para essa existência na língua.

O equívoco da descrição dicionarizada advém do fato da origem terminológica. Ou seja, **científico** não tem sua formação em português, tais quais os demais adjetivos em *-fique* [-fico] ele tem origem latina e na classe dos compostos em *-ficus*. Para esclarecer isso, Benveniste assevera:

De fato, *scientificus* data do período tardio do latim. Aparece pela primeira vez no VI século de nossa era. É já um fato digno de nota que um tal intervalo separa *scientia*, que é usual entre os melhores autores clássicos, de *scientificus*, nascido sete séculos depois. Dir-se-ia que a noção denominada *scientia* permaneceu inerte durante longo tempo – mal definida, movediça, representando, conforme os casos, um “saber”, um “conhecimento”, uma “arte”, uma “técnica”, até vir a atingir muito mais tarde o estado de “ciência”. E a criação de *scientificus* no século VI parece confirmar a emergência do conceito de “ciência” nesta época. Mas a que necessidade obedece a forma própria do adjetivo? (PLG IIa, 2006, p. 255. Grifos do autor).

A resposta à questão está em Boécio, o criador do termo *scientificus*. Para além da elaboração de um neologismo, Boécio, conforme Benveniste, assegura que nossa compreensão de **científico** não se equivale à de *scientificus*. Soma-se a isso o fato desse termo não ser o único derivado de *scientia*. *Scientialis* é também uma criação de Boécio. Então, o que se propõe é a elucidação das relações entre *scientificus* e *scientia*, bem como *scientificus* e *scientialis*, a partir de sua origem.

A forja da palavra *scientificus* está na tarefa de traduzir o vocabulário técnico de Aristóteles, na ocasião da tradução das *Segundas analíticas*. Ao dizer *scientificus*, Boécio estaria empregando o adjetivo “na plenitude do sentido etimológico: ‘que produz o saber’” (PLG IIa, 2006, p. 257-258. Grifo do autor). Benveniste destaca ainda que *scientialis* é outra inserção de Boécio que mobiliza duas distinções: primeiro, *scientialis* que diz respeito ao que é **próprio à ciência**; segundo, *scientificus* que diz respeito ao **que produz ciência**. Entretanto, apenas *scientificus* sobrevive ao emprego da língua, sendo indissociável tanto da noção como da própria ciência.

Dito isso, retornamos à questão que determinou esta seção, “**Que coisa é científico?**”, e para argumentá-la apresentamos a fala de Zaqueu flagrada no intento explicativo: “Científico é... é... é... coisa assim... com ‘sustança’ de ciência... versada, assim, nas artes e práticas.” Para melhor se fazer entender esclarece: “Científico é... ó, é assim, como por exemplo... é... é... que não pode ser as patacoadas mentirosas que ocês inventam! As patranha duvidosa que ocês gostam de dizer e contar!”

Indubitavelmente, há uma reflexão de natureza filosófica e linguística na construção da significação do termo. É de nosso interesse esse caráter linguístico,

ou seja, Zaqueu compreende que é no modo operacional da língua, o que ele chama de **práticas**, que se pode versar as **artes**, e assim, produzir a ciência. A natureza científica não admite mentiras, por isso a **sustança** do propósito de ciência dependerá da coleta de dados concretos e verdadeiros, os quais devem passar pelo encontro das letras com o papel. É desse encontro que trataremos em seguida, pois é preciso **juntar as histórias e realizar a tarefa**. O impasse que se apresenta aos *Narradores de Javé* é fazer do **fato acontecido** um **fato escrito**, uma vez que suas histórias, aos olhos alheios, só terão validade “**se for um trabalho assim... científico!**”

## 2 | A GRANDE HISTÓRIA DO VALE: NA E PELA NARRAÇÃO A POSSIBILIDADE DE UMA INTERPRETAÇÃO

Neste momento de nossa exposição, trataremos de duas relações: a língua e a sociedade. Para tanto, percorreremos o texto *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (PLG IIb, 2006). Nele, Benveniste trabalha noções que nos parecem pertinentes a este estudo, é o caso de interpretante e de interpretado.

De acordo com as proposições benvenistianas, a linguagem é o modelo pelo qual um homem pode atingir outro homem, logo “a linguagem exige e pressupõe o outro” (PLG IIb, 2006, p. 93). De posse disso, queremos olhar para o que se determina como composto de sociedade no Vale de Javé, como, pela linguagem, esses homens de Javé podem atingir os homens de autoridade, isso será feito à medida que examinamos a inclusão do falante em seu discurso, vendo-o participar da sociedade. O estudo das expressões linguísticas, consoante a Benveniste, pode descrever a sociedade e sua cultura, visto que “a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência, portanto este composto de natureza e de experiência que se chama a sociedade” (PLG IIb, 2006, p. 99-100). Dessa maneira, trabalharemos com as questões presentes no *corpus* discursivo de **Narradores de Javé**, com a intenção de significar o que eles compreendem como sendo a sua grande história.

Entre os muitos temas que essa obra cinematográfica propicia, a narrativa inscrita na memória e na tradição da oralidade confronta com a emergência da narrativa pelo registro escrito. Verificamos isso a partir do anúncio da tomada de posse das terras que não apresentam a escritura oficializada. Nesta ocasião, a personagem Maria questiona: “E as terras que não tem escritura? Como é que vão negociar?”. Zaqueu, então, declara: “Tá aí outra enroscada! Disseram que só vão indenizar as terras que tiverem escritura de cartório. Num adiantou falar que aqui tem muita terra e propriedade adquiridas só nas divisas cantadas”. Inocentemente, o personagem Firmino sugere: “Então a gente vai lá e canta as divisas pra eles!”. Zaqueu contesta: “Divisa Cantada adianta, não! Eles lá só querem saber de papel lavrado, de escritura, documento!”.

Evidenciamos aí o infortúnio do povoado que não vê a necessidade de aprender

a escrever e que repentinamente se vê refém da escrita. Até então desprezada, como também é desprezado seu único morador escrevente, Antonio Biá, a escrita passa a ser a arma de luta para combater a ameaça de inundação de Javé. Podemos afirmar, então, que estamos diante de uma organização social que precisa mudar a sua relação com a língua escrita e multiplicar seu instrumento de comunicação linguística.

Formalizando esse contexto, conseguimos ver o “poder coesivo que faz uma comunidade de um agregado de indivíduos e que cria a própria possibilidade da produção e da subsistência coletiva. Este poder é a língua e apenas a língua” (PLG IIb, 2006, p. 97). Com isso, notamos a capacidade da língua de interligar as diferenças particulares em uma relação de coletividade. É, pois, no seio da comunidade que está o nascimento e o desenvolvimento da língua, por essa razão, ela serve como meio de análise da sociedade. Dito isso, Benveniste convoca duas proposições: “a língua é o interpretante da sociedade” e a “língua contém a sociedade” (PLG IIb, 2006, p. 97). Fica determinado, portanto, o lugar de interpretância da língua.

Essa posição de interpretante da sociedade está assegurada pelo caráter semântico que é próprio da língua e que a torna instrumento de comunicação. Benveniste relaciona, assim, três traços da faculdade de interpretância. O primeiro aborda o “semantismo social” configurado pela língua. Nesse aspecto, “O vocabulário conserva testemunhos insubstituíveis sobre os regimes políticos, sobre os modos de produção que foram sucessiva ou simultaneamente empregados, etc.” (PLG IIb, 2006, p. 100). O segundo traço estabelece-se sobre o valor desses testemunhos que se vincula à referência que “é o testemunho e a condição do emprego que devemos fazer das formas” (PLG IIb, 2006, p. 100). Por fim, a consideração de que “cada um fala a partir de si. Para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros” (PLG IIb, 2006, p. 101). A partir desse fato, Benveniste propõe a língua em uma situação paradoxal com a sociedade, pois “a língua que é assim a emanação irreduzível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supraindividual e coextensiva à toda a coletividade” (PLG IIb, 2006, p. 101).

Vejamos o que podemos derivar dessas proposições. Declarado o escrivão do dossiê de Javé, Antonio Biá é convocado a ouvir as histórias dos moradores e registrá-las no livro da salvação. Subsequentemente, poderemos observar, no ato de registro, os testemunhos que emanam de cada falante e como as narrativas se estruturam a partir de cada narrador.

### **3 | VICENTINO E DEODORA: NARRADORES E HERDEIROS DE UMA HISTÓRIA**

Vicentino é o primeiro morador a querer narrar sua história. Em sua perspectiva, ele é portador de uma valiosa herança do fundador de Javé, Indalécio, sua garrucha, além do suposto parentesco. Deter-nos-emos na passagem em que Vicentino narra os

feitos de Indalécio. Observe-se:

**Vicentino:** “Como o senhor já deve ter sabido, é quase certo que eu seja descendente indireto daquele nobre chefe de guerra. Indalécio era homem seco, duro, sistemático que nunca dizia sim quando queria dizer não. Cada coisa pra ele só tinha uma só medida. Contam que nunca descia do cavalo. Dormia montado na sela pra estar sempre pronto para a guerra. [...] Mas Indalécio não atinava com o lugar certo. Ele queria ir mais longe, distante de braço de governo ou de rei. Andaram dias, meses! Trazendo nas costas o sino que era a coisa mais sagrada que possuíam. Alguns morriam pelo caminho e o sol era tanto que os corpos nem apodreciam, ficavam inteiros, curtidos como carne seca. A fome e a morte iam junto deles! [...] Indalécio entrou naquele mar de bois, escolheu o melhor boi e levou pra matar a fome de nossa gente. Não disse palavra e.... Hei!” [...]

**Antonio Biá:** “Eeh, também não dá pra escrever tudo de uma carreira só. E, olha, vai me desculpar, Seu Vicentino, mas isso de Indalécio ir lá e pegar um boi de graça, sem mais nem menos, não tá bom não!”

**Vicentino:** “O que não tá bom?”

**Antonio Biá:** “Ninguém vai entregar um boi inteiro assim de graça! Essa parte aí tem que melhorar”.

**Vicentino:** “Melhorar como? Ocê já vai querer inventar?”

**Antonio Biá:** “Inventar não, mas florear um bucadinho! Vamos ver...”

“Vamos ver... Os dias pareciam não ter fim e aquele gente guerreira, de tanta fome, quase não respirava [...] Aí, passa por eles aquela boiada imensa, gorda, aquele mundo, aquele mar de boi de fazer verter lágrima só de ver aquelas coxas, as costelas, as alcatras chiando na brasa, pingando gordura no fogo [...]”.

**Vicentino:** [...] “O senhor me faça o favor, o senhor volte atrás e escreva exatamente como eu lhe ditei!”

Em virtude de sua própria estrutura “a língua funciona como uma máquina de produzir sentido” (PLG IIb, 2006, p. 99). Para isso, no entanto, é preciso considerar três propriedades da língua: a) ser formada de unidades significantes; b) pelo seu emprego, pode-se arranjar estes signos de maneira significativa; c) o elo dessas duas propriedades se dá pela relação sintagmática.

No recorte textual em análise, podemos observar o seguinte funcionamento: há uma cena em que **eu** face a um **tu** falamos de **ele**. Essa relação de alocação se dá no exercício, então, pela língua. Dessa maneira, Vicentino institui-se como **eu** do discurso em oposição a Antonio Biá, **tu** da instância de alocação. Sendo a referência o fundamento do discurso, ou seja, sobre o que se fala, o heroico Indalécio efetiva a operação referencial.

Vicentino/eu mobiliza a língua para narrar os feitos de Indalécio da descoberta à fundação de Vale de Javé. Pela análise da matéria do vocabulário, evidenciamos as formas da organização social do presente narrativo. Há uma classe de autoridade e uma classe de produção que emergem nas formas da língua. Aqueles que carregavam

nas costas o sino, objeto do sagrado, são os mesmos que morrem e apodrecem no caminho vítimas da fome, pertencendo, portanto, à classe de produção da sociedade. O nobre chefe de guerra, montado a cavalo e desbravador de terras, é condutor dos que produzem e empreendem a força para abrir caminhos, é, por isso, uma classe de autoridade que será reconhecida ao longo da narrativa seja pelo drama do heroísmo, seja pela ironia das narrativas atravessadas.

Para manter a relação social de hierarquia, Vicentino/eu impõe no arranjo dos signos e pela posição enunciativa sobre o tu/Antonio Biá a advertência de que se deve saber da possibilidade de herança parental com o nobre Indalécio. Tal enunciação, reivindica uma posição de respeito, incluindo ter o registro de sua história na abertura do livro destinado à escrita dos grandes e nobres acontecimentos da história do Vale de Javé. Como se pode ver, o livro da salvação impõe um conjunto de narrativas que verbalizem o caráter de sua existência.

Isso, contudo, exige um novo quadro enunciativo. Nesse viés, Antonio Biá assume a posição do **eu** em alocução a Vicentino como **tu**, para contestar a narrativa dos fatos enunciados por Vicentino. Na enunciação desse **eu**, é preciso melhorar o discurso, “florear um bucadinho”. Apresenta-se, assim, o jogo linguístico das formas e do arranjo da língua. Enquanto o eu/Vicentino preocupa-se em descrever um Indalécio homérico, estendendo os fatos lendários a sua linhagem, o eu/Antonio Biá tem no mesmo referente outra enunciação para mexer com a significação. O eu/Antonio Biá promove dupla alocução, a saber, com o tu/Vicentino porque narra em voz alta o que escreve para que ele entenda e confirme o emprego do “floreio” da língua e com o tu/leitor que acompanha o seu registro escrito. Poderíamos falar, ainda, da relação com o tu/espectador, mas não nos deteremos nessa questão.

O fato é que a enunciação do eu/Antonio Biá assegura as diferenças entre a oralidade e a escrita, bem como o valor que cada um dos enunciadores atribui a esse registro. Na posição de eu, Antonio Biá mostra-se superior por ser o escrivão do Vale, além disso faz valer a ideia de Zaqueu de uma escrita científica, logo, versada, para Antonio Biá, floreada. Em contrapartida, Vicentino quer o registro tal qual ditou, ou seja, marcado pela sua seleção das formas e pelo seu arranjo da língua.

A posição de interpretância da língua pode ser conferida, aqui, no instante em que cada locutor se propõe como sujeito de sua enunciação e realiza a conversão da língua em discurso, inserindo-se como partícipe da sociedade. Note-se essa passagem de alocução do eu/Antonio Biá em relação a tu/Vicentino:

**Antonio Biá:** “Olha, uma coisa é o fato acontecido, outra é o fato escrito. O acontecido tem de ser melhorado no escrito de forma melhor para que o povo creia no acontecido.”

Com ela, Antonio Biá marca-se um sujeito de destaque na sociedade, na condição de detentor da palavra escrita torna-se uma autoridade. Podemos confirmar essa posição novamente quando instaura a instância enunciativa com Deodora. Veja-se:

**Antonio Biá dirigindo-se à Deodora:** “Inventador, não! Eu só mostrei que tinha

fogo onde todo mundo só via fumaça. Gente, escritura é assim! Homem curvo vira corcunda, gente de olho torto eu digo que é zanolho, por exemplo, se sujeito é manco na vida, na história eu digo que não tem perna. É assim! É das regras da escritura”.

No trecho seguinte, veremos como a permuta da **não-pessoa**, ou seja, **ele**, modifica a interpretação da sociedade. Note-se:

**Deodora:** “Caminhavam há dias, o de comer era pouco e muitos ficavam mortos pelo caminho... Indalécio, mesmo ferido, guiava o bando, mas nenhum lugar parecia prestar pra assentar sua gente. Mariadina desapareceu por um dia e uma noite. Mas no dia seguinte Mariadina voltou pra levar sua gente ao lugar que os pássaros da noite haviam lhe mostrado. E ali, no grande Vale, ela cantou as divisas de Javé. No rumo do cruzeiro do céu até onde a vista alcança há de ser terra nossa. Nesse contrário de rumo, até onde um homem possa andar num dia inteiro de marcha, há de ser terra nossa. Nesse rumo onde acaba o vale. Isso é Javé. Aqui fazemos parada, aqui curamos nossos feridos. Aqui criaremos nossos filhos com a dureza da pedra! [...] Mulher que, de fato, teve importância foi Mariadina”.

Quando Deodora assume a posição de **eu** para se enunciar, marca discursivamente o lugar da heroína Mariadina, de quem diz ser descendente pela evidência do sinal de nascença. No exercício da sua fala, o que toma como referência mexe com a significação da história de Javé. Se para Vicentino o herói é Indalécio, para Deodora, Javé deve sua existência à coragem de Mariadina. Dessa maneira, Deodora também tem seu lugar de autoridade nessa sociedade. Uma autoridade que só se revela à medida em que os sujeitos se enunciam para inscrever sua participação na sociedade.

É em posse e uso da língua que Deodora se propõe como sujeito de sua enunciação e realiza a conversão da língua em discurso, tornando-se, desse modo, partícipe na/da sociedade. Então, podemos verificar que quando o eu/Deodora se enuncia para compor a grande história de Javé soma a posição de descendente da heroína Mariadina a essa instância discursiva e posiciona o tu/Biá a uma posição de inferioridade, embora ele detenha as “regras de escritura”.

Observamos, no funcionamento da língua, a produção dos sentidos contidos na experiência social. É, portanto, por intermédio da língua que podemos ver representada a sociedade, compreendendo as múltiplas representações de si no engendramento social de Javé. Testemunhamos o emprego das formas para que cada um possa determinar-se como sujeito em relação ao outro e fazer falar a sociedade. Uma sociedade que vive o drama do desaparecimento de sua história física, mas que resiste no emprego da língua. Uma sociedade politicamente marginalizada, pois não há o estudo formal dessa língua, note-se a linguagem paralela que percorre a sociedade, os nós que Zaqueu dá em um pedaço de couro para “anotar” os recados e pedidos. As narrativas dos sujeitos de Javé representam a construção do “semantismo social” de Benveniste.



## PALAVRAS FINAIS

Embora nosso estudo não contemple a totalidade da obra em análise, empenhamo-nos em apresentar o funcionamento da sociedade do Vale de Javé a partir do funcionamento da língua.

Com essa perspectiva em ação, presenciamos pelas categorias de pessoa e não-pessoa, determinadas por Benveniste, a demonstração de como o falante maneja a língua para participar das estruturas sociais e reivindicar sua posição nesse espaço.

Nesse ínterim, conseguimos ver no manejo da língua indivíduo e sociedade determinando-se mutuamente. Assim, o homem, nessa experiência sempre única, ressignifica-se e, ressignificando-se, significa seu discurso, sua experiência sobre o acontecimento e também a sociedade.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. Gênese do termo “scientificque” (1969). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006a

\_\_\_\_\_. Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1968). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006b.

NARRADORES de Javé. Direção de Eliane Café. Produção de André Montenegro, Caio Gullane, Fabiano Gullane, Vania Catani. Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé. Rio de Janeiro: Bananeira Filmes, 2003. (100 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>>. Acesso em: 02 set.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-070-4

